



# EM BUSCA DO DEUS ABSCONDITUS: O PAPEL DA RAZÃO E DO CORAÇÃO NO ARGUMENTO DA APOSTA DE BLAISE PASCAL

*In the search of Deus absconditus: The role of the reason and the heart in the wager argument of Blaise Pascal*

Rildo da Luz Ferreira \*

**Resumo:** O contexto no qual frequentemente se estudava Pascal era o da reivindicação da fé e do coração perante uma razão cartesiana que desqualificava o valor cognoscitivo de todo saber que não estivesse fundado unicamente sobre o soberano altar da razão suficiente. A partir desta perspectiva, a obra de Pascal, especialmente os *Pensamentos*, não seria senão fruto de um mais ou menos marcado fideísmo. Neste contexto de interpretação, o argumento da aposta era compreendido como um claro sinal da convicção pascaliana da impossibilidade da razão humana para conhecer a Deus. Todavia, a hipótese que sustentamos neste artigo é a de que a aposta pascaliana deve ser entendida a partir de uma perspectiva na qual fé e razão não só não se contrapõem, como o Deus ao qual tendem uma e outra é o mesmo. Isso só é possível quando se entende que a razão que Pascal sublinha os limites é a razão que opera nas matemáticas e nas ciências experimentais. O argumento pascaliano da aposta se encontra, ao contrário, no âmbito do coração, pois é ele que permite ao apostador perceber que apostar na existência de Deus e decidir-se a seguir seus mandamentos é, tudo isso, algo *raisonnable*, não contrário aos princípios fundamentais intuídos pela luz natural da inteligência.

**Palavras-chave:** Razão, Coração, Aposta, *Deus absconditus*.

**Abstract:** The context in which Pascal is frequently studied is the claiming for faith and the heart before a cartesian reason that deprives all the knowledge from cognoscitive value that is not founded in itself only. From that perspective, Pascal's work especially *Thoughts*, would not be the result from a sort of marked fideism. His so called wager argument appears as a clear sign of Pascalian conviction of the impossibility of human reason to know Good. However, the solution that has been tried here intends to show different reasons for the mentioned subject matter. We believe that Pascalian wager can only be understood from a perspective in which reason and faith not only oppose each other, but also claims that God in which they both tend to is the same. It is only possible when it is understood that the reason to what Pascal underlines the limits is the same reason that operates on mathematics and experimental science. Pascal's topic is found in the scope of the heart and it is exactly what allows the punter to appreciate that betting for God and deciding to follow his commandments is something reasonable, not opposite to fundamental principle intuited by the natural light of intelligence.

**Keywords:** Reason, Heart, Wager, *Deus absconditus*.

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-PR - Bolsista Capes - [rildoluz@hotmail.com](mailto:rildoluz@hotmail.com).

## Introdução

O final do século XX foi caracterizado como um momento marcado por um ceticismo niilista, onde a razão abandonou toda pretensão de verdade, restando como alternativa viável uma filosofia puramente formal ou funcional, sem referências ao transcendente ou à verdades últimas e universais. Ainda assim, é frequente a “tentação racionalista”, isto é, a tentação de uma razão autossuficiente que não admite a iluminação da fé, porque escapa ao seu controle.

Nos albores da modernidade, Pascal teve o mérito de colocar com especial clarividência que a razão, dissociada de suas raízes no coração humano, fica vazia de significado. Separada do sentimento e dos primeiros princípios, se volta com curiosidade incessante até o domínio autossuficiente do mundo exterior. Perde assim seu rumo privando-se do sentido teológico de seu próprio ser, da meta adequada à sua própria identidade, de sua abertura para o infinito. Uma razão que pretende tudo abarcar termina por mostrar não o seu poder, mas sua insuficiência e sua debilidade. Neste contexto, “Pascal é, antes de tudo, um filósofo crítico dessa faculdade desgraçada, a razão infeliz”<sup>1</sup>.

Para a recuperação da razão é necessário colocar corretamente a equação entre verdade e razão, como uma afirmação de que a vocação da racionalidade é o descobrimento da verdade. Este “retorno à razão” não significa oposição a um sentido intuitivo. A razão também necessita, junto com o elemento discursivo, de um diálogo com o intelecto e com o sentimento. É neste contexto que há de situar-se a relação entre razão e fé. Por um lado, Pascal sublinha que o passo para a fé não encerra contradições para a razão. Por outro, acentua as distâncias entre o saber científico e filosófico e o conhecimento de Deus pela fé e a caridade. Neste trânsito, a razão encontra uma confirmação não contraditória de seus próprios limites<sup>2</sup>.

Com sua “*Apologia*” Pascal quer mostrar que a religião “*n’est point contraire à la raison*” [não é contrária à razão]<sup>3</sup>. É verdade que está além da esfera da razão matemática, porém, não por isso, é absurda nem contradiz as regras do pensar humano. Deus deixou uma série de sinais históricos para ensinar aos

<sup>1</sup> PONDÉ, Luiz Felipe. *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 55.

<sup>2</sup> LEOCATA, Francisco. *Pascal y la crisis de la razón*. Buenos Aires: Revista Sapientia (UCA), n. 55, 2000, pp. 80-86.

<sup>3</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 12; Br. 187. A tradição *scholar* de estudos pascalianos costuma usar o sistema de citação do *Pensées* da seguinte forma: “Laf” para edição Louis Lafuma e “Br” para edição Leon Brunschvicg. Seguiremos a recente tradução de *Pensées*, organizada pela Martins Fontes. É esta tradução que o leitor deverá ter em mente ao encontrar as citações do texto pascaliano no corpo deste artigo. A edição Brunschvicg é considerada uma edição ultrapassada, mas ela está identificada pela edição Lafuma de modo a facilitar as buscas do fragmento correspondente. A edição que, por longo tempo, foi referência aqui no Brasil, a da Coleção “Os Pensadores”, da editora Abril Cultural, foi traduzida a partir da edição Brunschvicg. Para o restante dos textos pascalianos, trabalharei principalmente com a edição de Michel Le Guern das obras completas de Blaise Pascal.

homens qual é o credo verdadeiro. Ao compreender estes sinais, a inteligência capta sua origem sobrenatural, reconhece seu caráter divino, e compreende que crer é *raisonnable* [razoável]. Nos “*Pensamentos*” encontramos diferentes passagens onde Pascal reconhece a capacidade das luzes naturais do homem para alcançarem um conhecimento da existência de Deus e compreenderem que a religião não é contrária a estas luzes, ainda que em parte seu conteúdo seja superior a elas.

No célebre *pari pascaliano*<sup>4</sup> aparece praticamente quase todo o pensamento de Pascal. As reflexões que se registram no fragmento Laf. 418; Br. 233 mostram precisamente a intenção de Pascal de criticar a razão científica, reconduzindo-a novamente ao seio do coração, órgão no qual o homem entra em relação pessoal e viva com Deus. Acreditamos, portanto, que a aposta reflete o núcleo mesmo do seu projeto apologético. Não é apenas mais um novo argumento da existência de Deus, com a originalidade de começar desde um cálculo das probabilidades de que Deus exista. Constitui um especial exemplo na estratégia por atrair para a causa cristã a quem se encontra em uma situação de ignorância e indiferença a respeito da própria sorte depois da morte. Pascal tenta um caminho novo, mais atraente e melhor adaptado às peculiares circunstâncias de sua época e do descrente, para que se decida por Deus e oriente toda sua vida de acordo com a escolha que fizer.

Alguns autores têm considerado que o argumento da aposta viria a ser como a confirmação da incapacidade da razão humana para conhecer a existência de Deus. Pascal seria um pensador cético ou, no mínimo, fideísta, que reage contra os excessos do racionalismo cartesiano, acentuando justamente o extremo contrário: a ausência total da razão no âmbito da fé, a qual constituiria um contato direto com Deus e, portanto, uma experiência subjetiva. Contudo, interpretar Pascal desta forma acarreta uma série de pontos insolúveis e contraditórios. Acreditamos que o *pari pascaliano* só pode ser entendido desde uma perspectiva na qual fé e razão se dirigem para uma mesma verdade: não só não se contrapõem como o Deus ao qual tende uma e outra é o mesmo. Isso só é possível quando o argumento de Pascal é situado no âmbito do coração, isto é, quando a proeminência da aposta não é uma vontade que alcança por si mesma a fé, mas aquela luz natural – próprio de todo homem – que capta que o melhor é a escolha por Deus e que procura alcançá-lo. Para apostar por Deus é necessário que essa “luz desejosa” avalie prudentemente o que esta escolha supõe. Para decidir-se por Deus e empenhar nisso toda a vida é preciso uma atitude *raisonnable*.

Pascal reconhece que tanto o saber racional como o conhecimento cordial gozam de certeza, ainda que se trate de uma certeza diferente em um e outro caso, segundo a classe de experiência na qual se fundamente. Em outras palavras, a pretensão de validade epistemológica não é exclusiva da razão. As intuições do *esprit de finesse* não se reduzem aos devaneios da fantasia ou aos caprichos da imaginação. A

<sup>4</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 418; Br. 233. Este fragmento intitulado “Infinito nada” contém a seguinte expressão: “il faut parier”[ é preciso apostar]. Daí chamarmos este fragmento também de *pari pascaliano*.

razoabilidade de seus conteúdos as distingue destas últimas e permite reconhecer a certeza que lhes corresponde. Do contrário, nenhum saber científico seria possível, já que seus princípios primeiros e mais fundamentais não dependem do progresso dessas mesmas ciências, mas pertencem ao âmbito do coração. Ainda que o modelo que Pascal projeta para o desenvolvimento de sua “*Apologia*” seja o matemático – por sua claridade e ordem – no entanto, ao mesmo tempo, reconhece no coração uma necessidade imprescindível para levar adiante sua defesa do cristianismo e também uma realidade inquestionável, onde deve dirigir todos seus esforços para atrair e converter o libertino.

A segunda parte da “*Apologia*” que versa sobre as provas da religião cristã é quase que deixada de lado pelos que estudam Pascal. Trata-se de fragmentos de teor apologético que, de certo modo, representam um fiel reflexo de seu tempo, mas cujo interesse em nossos dias é cada vez menor. É preciso reconhecer que, através das provas da religião cristã, Pascal age como um perigoso sedutor. De fato, as provas apologéticas molesta a maioria dos leitores. No entanto, Pascal pensava que era a parte mais importante de sua obra enquanto dava razão de tudo o que lhe precedia. Permitia dar sentido a um meio e a um mundo antes caótico e que agora tentava escapar da angústia e da vertigem.

Apesar disso, se tem a impressão, como confessa Le Guern, de que no fundo, todas as argumentações não satisfaçam ao próprio Pascal<sup>5</sup>. Na realidade, pode ser que estava consciente de que, de acordo com suas próprias colocações, o esforço do apologista é, em grande parte, inútil e secundário. Pode, no máximo, quebrar a indiferença dos que se conformaram em sua incredulidade, mas não pode, de nenhum modo, proporcionar a autêntica fé. Apenas pode preparar para uma autêntica conversão que, em última análise, depende de Deus.

Depois de todas as provas, depois de analisar a conveniência por apostar a favor da existência de Deus, Pascal confessa que sua aceitação final da religião cristã se deve ao fato de ser a única religião que declara e reconhece sua loucura. É a loucura anunciada e proclamada por São Paulo:

Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. Pois está escrito: ‘Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o homem culto?’ Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século? Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem. Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> LE GUERN, M. *Les pensées de Pascal. De l’antropologie a la théologie*. Paris: Larrousse, 1972, p. 157.

<sup>6</sup> SÃO PAULO, I Coríntios 1, 18-25.

Frente aos valores mundanos, a loucura do cristianismo se revela como a suprema sabedoria. Deste modo se atinge a última correspondência entre o plano natural e o sobrenatural. Não se constata, por acaso, a absoluta loucura do mundo? Não se denunciou que os homens estão tão loucos que seria estar louco, com outro tipo de loucura, o não estar louco?<sup>7</sup>. A vaidade, a busca contínua de diversão, a importância que se dá às coisas menos importantes, não mostram um mundo mais louco que são?

A loucura do mundo era um tema antigo querido pelo Renascimento, recordemos o “*Elogio da loucura*” de Erasmo de Roderdam. No século XVII continuava tendo uma grande difusão. Pascal está conectado com esta preocupação e pensava dedicar uma carta sobre “a loucura da ciência humana e da filosofia”<sup>8</sup>. São numerosos os fragmentos e notas que parecem ser esboços deste tema<sup>9</sup>.

Existe uma correspondência entre a contradição e o paradoxo que se descobre no homem e no mundo e a própria religião cristã. É a única religião que reconhece um Deus oculto, que admite uma certeza incerta, uma certeza prática, a certeza do coração, que não se pode provar, mas sentir. Não nega a falta de claridade que se lhe reprova. Por este motivo, podem sobrepor-se dois planos que pareciam absolutamente irreconciliáveis: o natural e o sobrenatural. É o fim do paradoxo. O ponto que se aceita definitivamente sem acrescentar a perspectiva contrária que a completa e corrige. A chave está na correspondência da loucura e insensatez do divino e humano. Termina a crítica e começa a submissão.

## II Faut Parier

O argumento da aposta sobre a existência de Deus (*le pari de Pascal*, parte integrante da argumentação desenvolvida no fragmento “*Infinito Nada*”, Laf. 418; Br. 233) é um dos pontos centrais de sua obra. Talvez seja o nó de seu sistema apologético, pois com ele se quer mostrar a necessidade e conveniência de apostar a favor da existência de Deus. O fato de formular este problema como se tratasse de um jogo de azar escandalizou muitos de seus leitores. Voltaire, por exemplo, se indignava pela forma de Pascal abordar um problema tão sério. Porém, Pascal não considerava este assunto como piada, muito pelo contrário. Era a consequência de comprovar que a existência de Deus é algo indemonstrável. A única saída estava em apostar a favor ou contra. No limite, são possíveis apenas duas opções.

O fragmento onde se desenvolve o argumento da aposta é um dos mais longos dos “*Pensamentos*”. Nem todas as edições apresentam um texto uniforme, ainda que as variações sejam mínimas e não se modifica o sentido de todo o raciocínio. Ao se ler com cuidado o fragmento é possível

<sup>7</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 413; Br. 162.

<sup>8</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 413; Br. 162.

<sup>9</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, 18, 22, 46, 413; Br. 955, 367, 136, 162.

Em busca do *Deus Absconditus*: o papel da razão e do coração no argumento da aposta de Blaise Pascal

perceber o diálogo que acontece entre dois interlocutores. Um deles poderia representar Pascal; o outro, um homem cético que não *consegue* crer porque “não vê claro”.

Acreditamos que no argumento da aposta de Pascal se encontram algumas das ideias nucleares dos *Pensamentos*: a existência do indemonstrável, a racionalização do acaso e a importância do costume. Isso mostra que não é uma questão acidental em seu pensamento, mas se vincula e articula estreitamente com o resto de sua obra. Por fim, somente Pascal desenvolve a aposta como uma argumentação completa que não tem um valor apenas complementar. Como afirma Le Guern: “Em lugar de referir-se a uma verdade particular como a imortalidade da alma ou a existência de Deus, engloba, na realidade, uma adesão total ao conjunto do dogma cristão<sup>10</sup>”.

Para conhecer o significado do argumento da aposta é preciso analisar o manuscrito original. Trata-se de um rascunho desordenado, repleto de correções e, em alguns lugares, quase ilegível. São dois maços de papel, escritos em todos os sentidos, cujas folhas parecem revelar que foram guardados durante muito tempo em um bolso. Sua estrutura mostra que podia tratar-se de um guia para utilizar em possíveis discussões, e assim não apenas de um argumento a ser incluído na “*Apologia*”. Talvez por esse motivo, se incluem notas que indicariam a direção a tomar segundo o rumo que fosse tomando a discussão.

Henri Gouhier analisou exaustivamente este manuscrito que divide em três partes: a primeira folha, a segunda e, por último, as anotações. Seguiremos de perto suas indicações<sup>11</sup>.

Na primeira folha se encontra o esquema completo da argumentação. Distinguem-se três pontos básicos: reflexões sobre o conhecimento do infinito; argumento existencial da aposta; implicações da aposta: a atitude moral a adotar. Pascal inverte o esquema clássico das demonstrações apologéticas que começam por estabelecer a existência de Deus através de reflexões filosóficas, para passar depois a um plano teológico e demonstrar que a religião cristã é a única verdadeira. No argumento da aposta se parte daquelas verdades que o libertino não põe em dúvida e se utiliza um raciocínio indiscutível: o matemático, autêntica religião para o libertino. Nem a autoridade nem a teologia entram em jogo, apenas as considerações humanas. A própria existência exige apostar: “Eu sou, logo aposto. Existir, querendo ou não, é existir com ou sem Deus”<sup>12</sup>. Pode-se escolher apostar a favor ou contra, mas não é possível se abster de apostar.

Na segunda folha, Pascal desenvolve o esquema que já traçou, formulando matematicamente a argumentação. As possibilidades de ganhar ou perder são calculadas porque Pascal pensa que a probabilidade, o acaso, pode ser racionalizado. Existe proporção entre o risco e o ganho da aposta porque

<sup>10</sup> LE GUERN, M. *Les pensées de Pascal. De l'antropologie a la théologie*. Paris: Larrousse, 1972, p. 45.

<sup>11</sup> GOUIER, H. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. Trad. Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus/Discurso, 2006, pp. 245-306.

<sup>12</sup> GOUIER, H. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. Trad. Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus/Discurso, 2006, p. 254.

Em busca do *Deus Absconditus*: o papel da razão e do coração no argumento da aposta de Blaise Pascal

a vida infinita que podemos ganhar compensa a vida finita que se arrisca. Não teria sentido não apostar quando se poderiam ganhar três vidas e perder uma. Se o que se pode ganhar é uma vida infinita, o mais razoável é apostar a favor.

É conveniente também levar em conta as anotações que Pascal realiza nas margens do manuscrito original onde se desenvolve o argumento da aposta. Aparecem duas ideias importantes, cujo significado foi separado, muitas vezes, do contexto em que foram escritas: a recomendação de “embrutecer” ou “bestificar-se” e realizar os gestos da fé para chegar a crer; a convicção de que “o coração tem razões que a razão não conhece”. Nas margens da segunda página Pascal escreve:

Quereis chegar à fé mas não sabeis o caminho. Quereis sarar da infidelidade e pedis os remédios para isso, aprendei daqueles etc. que estiveram atados como vós e que apostam agora todo o seu bem. São pessoas que conhecem aquele caminho que gostaríeis de seguir e que foram curadas de um mal de que quereis sarar; segui a maneira pela qual eles começaram. Foi fazendo tudo como se acreditassem, tomando água benta, mandando dizer missas etc. Naturalmente isso vos fará crer e vos bestificará<sup>13</sup>.

A argumentação se dá por finalizada. Relata-se a própria experiência a alguém que quer crer e que não sabe por onde começar. O ceticismo é abandonado. Bestificar-se é o modo de começar. É agir como se acreditasse. Mas esta palavra – *s’abêtir* – suscitou muitas surpresas e reprovações. Para começar, foi suprimida das primeiras edições. O primeiro que publicou esta expressão foi Victor Cousin, no século passado, não sem dizer: “Bestificar-se! É essa a última palavra da sabedoria humana?”. Qual é o verdadeiro sentido que Pascal dá a esta palavra? Encontramos dois tipos de interpretação. Uma delas enfatiza o sentido mais forte da expressão: bestificar-se implica abster-se sistematicamente de todo raciocínio para aceitar voluntariamente o dogma sem exigir nenhum tipo de provas. Outro tipo de interpretação é a daqueles que admitem, como Brunschvig, uma significação mais atenuada do termo *s’abêtir*. Neste sentido, bestificar-se implicaria distinguir o que deve ser crido sem ser refletido. Tratar-se-ia de voltar de algum modo à infância no que se refere à prática religiosa. Eis como Brunschvicg explica esta expressão, que tanto chocou Victor Cousin:

Bestificar-se (*s’abêtir*) é renunciar às crenças às quais a ‘instrução’ e os hábitos deram a força da necessidade natural, porém que o próprio raciocínio demonstra serem impotentes e vãs. Bestificar-se é retornar à infância para atingir as verdades superiores, inacessíveis à curta sabedoria dos semi-sábios. ‘Nada é mais conforme à razão do que esta retratação da razão’: a palavra de Pascal é a palavra de um crente, não de um cético<sup>14</sup>.

Mas esta expressão não deve ser isolada do conjunto do pensamento de Pascal, nem de Port-Royal. Neste sentido é preciso recordar sua concepção de homem como um ser duplo composto de alma e

<sup>13</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 418; Br. 233.

<sup>14</sup> Cf. nota 55 dos *Pensamentos*, Coleção Os Pensadores, 1979, Trad. Sérgio Milliet, p. 97.

corpo. A relação destas duas partes tinha sido especificada pelo cartesianismo, e Pascal, neste ponto, é cartesiano. Devido à sua natureza corporal, no homem existe algo de autômato, de máquina. Por este motivo, se se quer persuadir alguém é preciso dirigir também ao que de máquina existe nele, pois somos autômatos tanto como espírito. Bestificar-se, de acordo com esta significação, implica realizar os gestos de fé, para reforçar a crença através do costume. Neste caso, o embrutecimento, ou ainda, o “abestamento”, segundo a tradução de Mario Laranjeira dos “*Pensamentos*”, não é uma capitulação do pensamento perante a animalidade, mas o esforço de um pensamento que se fixa em um corpo que foi penetrado antes da racionalidade.

A razão nem sempre antecede a ação e, no caso das verdades sobrenaturais, é inútil querer raciocinar indefinidamente até resolver as dúvidas. O costume, o hábito, se converte no instrumento para alcançar uma certeza prática que produz convicções evidentes. Deste modo, Pascal não só obriga a tomar uma postura teórica perante o problema da existência de Deus, mas também indica a necessidade de resolver, na prática, a questão. A solução é a seguinte: aja como se acreditasse, represente o papel de quem tem fé e afaste-se dos obstáculos que impedem sentir Deus.

A aposta terminou: começa a tragédia para chegar a sentir Deus. Tragédia porque para chegar a sentir Deus, Pascal, movido por seu jansenismo, exige renunciar a si mesmo. Este é o sentido de uma das notas que se encontram nas margens do manuscrito original, o pensamento mais conhecido de Pascal:

O coração tem razões que a razão desconhece; sabe-se disso em mil coisas. Digo que o coração ama o ser universal naturalmente e a si mesmo naturalmente, conforme ao que se dedica, e ele se endurece contra um ou outro à sua escolha. Rejeitastes a um e ficastes com o outro; será pela razão que vos amais?<sup>15</sup>

O “ser universal” que faz referência no texto é Deus. O amor a si mesmo e a Deus são duas tendências naturais, mas na medida em que se entrega a um se afasta do outro. Até que chegue o momento em que se sinta a Deus, a única solução está em renunciar a si mesmo. Como Pascal promete no *Memorial*: “Esquecimento do mundo e de tudo, exceto de Deus”. Não se devem buscar as razões desta opção. Acaso, se ama a si mesmo por alguma razão? Quem conhece as razões do coração? Porque tentar demonstrar o que se sente? A fé consiste, precisamente, em sentir Deus, não em demonstrá-lo: “É o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é a fé. Deus sensível ao coração, não à razão”<sup>16</sup>.

A bipolaridade consolida-se nesta opção: ou Deus ou o mundo. Somente negando o mundo se chega a Deus. O caminho é a ascese, a prática dos gestos de fé. Em último extremo, o abestamento. A ascese dispõe à mística e derruba os principais obstáculos – às paixões e o amor às coisas do mundo – que cegam o homem para o sobrenatural. É como se a presença e o sentimento de Deus nascessem da

<sup>15</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 423; Br. 277.

<sup>16</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 424; Br. 279.

separação e ausência do mundo. Tudo o que depende do homem, o que está ao seu alcance se consome e se sacrifica: domestica-se o corpo, dobra-se a razão; o resto, a autêntica fé, só depende de Deus. Pascal insiste na ascese e renúncia do mundo para chegar a Deus, colocando o problema como uma disjuntiva excludente: ou Deus ou o mundo. Não é de estranhar que esta atitude prepare, como disse Hans Küng, o nascimento do ateísmo humanista e explique as críticas ferozes que filósofos como Feuerbach e Nietzsche fizeram ao cristianismo<sup>17</sup>. Para o jansenismo só há lugar para a renúncia e o distanciamento do mundo: sua transformação é impensável porque a corrupção e a miséria humana convertem o desejo em fantasia, a luta em fracasso, a felicidade em inconsciência. O pensamento trágico, que está além do pessimismo, se move entre valores e realidades extremas: o nada ou o infinito, a conversão ou a corrupção. O ponto de equilíbrio entre os opostos, a justa medida onde se encontra a verdade, é algo tão desejável como inalcançável.

Não abordaremos aqui questões pontuais da argumentação que apareceu na análise do manuscrito. Nossa preocupação é a de compreender o significado geral da aposta, de seu valor e lugar no pensamento de Pascal. Muitas vezes se tentou decifrar o significado da aposta querendo especificar se o próprio Pascal não foi quem apostou. Neste caso, o argumento seria algo mais que uma parte da apologia, mas teria um valor autobiográfico e testemunhal. Refletiria a luta interior de um homem que, por um lado, duvida, e por outro, quer crer. A parte final do argumento parece respaldar tal interpretação:

Se este discurso vos agrada e vos parece forte, ficai sabendo que ele é feito por um homem que se pôs de joelhos antes e depois, para rogar a esse ser infinito e sem partes, ao qual submete todo o seu, que submeta a si também o vosso para vosso próprio bem e para a sua glória; e que assim a força se coadune com a baixeza<sup>18</sup>.

Para esclarecer esta questão se buscou especificar a data de composição do argumento e o lugar que ocupou na obra. Estes problemas ainda estão sem resolver, já que parece que o próprio Pascal não teria decidido o lugar e o papel que o argumento teria. Por tanto, deve-se prescindir destas questões para avaliar o significado da aposta. O mais importante é comprovar como Pascal conjuga, num mesmo argumento, o racional (é mais vantajoso apostar a favor da existência de Deus) com o sentido (a fé é um sentimento). A questão a ser respondida seria então: o que é a aposta, uma demonstração ou um recurso literário para sensibilizar o indiferente? Vejamos a reflexão feita por Luis Felipe Pondé:

Se a matemática da *aposta* é insuficiente para levar o descrente à fé (logo, não funciona como prova de consistência retórica), ela é, no entanto, suficiente para revelar que sua condição de descrente não é um produto necessário da razão – o importante para Pascal é mostrar ao descrente que ele é ateu não porque seja

<sup>17</sup> KUNG, H. *Existe Dios? Respuesta al problema de Dios en nuestro tiempo*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 128.

<sup>18</sup> PASCAL, Blaise. Pensamentos, Laf. 418; Br. 233.

excepcionalmente *racional-prático*, logo, Pascal nega a ele um refúgio *racional* para sua descrença<sup>19</sup>.

E, no parágrafo seguinte, citando Thirouin, diz:

[...] ‘A aposta, afirmamos, é um argumento ineficaz’ (Thirouin, 1991, p. 177). Pascal não é um filósofo da religião ocupado com provas, sua apologética ‘se construirá sobre as ruínas da aposta’ (Thirouin, 1991, p. 177). A ineficácia da aposta é figura da ineficácia da razão, o *core* da filosofia pascaliana da religião deve ser buscada além da *mania* matemática<sup>20</sup>.

Ainda sobre o significado da aposta, Henri Gouhier acredita que a aposta não é uma demonstração, mas uma argumentação<sup>21</sup>. A diferença está em que enquanto a demonstração supõe uma conclusão e exclui toda possibilidade de escolha, a argumentação quer esclarecer uma escolha. Não é o mesmo o racional com o razoável. O racional é, por definição, impessoal; o razoável, no entanto, inclui um ato subjetivo de escolha entre os termos da argumentação. Apostar é diferente que demonstrar. Sobre o incerto se aposta, o certo se demonstra. Se analisarmos o comportamento humano percebemos que é trabalhado por muitas coisas que são incertas e apenas prováveis. No entanto, isso não exime de atuar. Então porque aplicar uma medida diferente no campo da religião?

Se não se devesse fazer nada a não ser pelo certo, não se devia fazer nada pela religião, pois ela não é certa. Mas quanta coisa se faz pelo incerto, as viagens por mar, as batalhas. Digo pois que não se deveria fazer absolutamente nada, pois nada é certo. E que existe mais certeza na religião do que na possibilidade de vermos o dia de amanhã.

Porque não é certo que vejamos o amanhã, mas é certamente possível que não o vejamos. Não se pode dizer o mesmo da religião. Não é certo que ela seja, mas quem ousará dizer que é certamente possível que ela não seja?

Ora, quando se trabalha pelo amanhã e pelo incerto, age-se com razão, pois deve-se trabalhar pelo incerto pela regra dos partidos que está demonstrada<sup>22</sup>.

Quando não é possível demonstrar, apostar pelo incerto é agir com razão. Na aposta se assume a consequência de que se deve escolher existir com ou sem Deus, desligando a ignorância da indiferença e transformado a possível desesperança em esperança. Como se indica no fragmento Laf. 577; Br. 234, a religião não é certa, porém tão poucos o são muitas outras coisas e nem por isso deixamos de agir. Portanto, é razoável se comprometer na religião incerta. Para Pascal existem três meios para crer: a razão, o costume e a inspiração. A religião cristã apenas reconhece a validade do que se crê por inspiração. A

<sup>19</sup> PONDÉ, L. F. *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 55 [grifo do autor].

<sup>20</sup> PONDÉ, L. F. *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 56 [grifo do autor].

<sup>21</sup> GOUHIER, H. *Blaise Pascal: Commentaires*. 12ª ed. Paris: Vrin, 2005, pp. 284-287.

<sup>22</sup> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, Laf. 577; Br. 234.

razão e suas provas, o costume e seus hábitos são apenas instrumentos para possibilitar o acesso à autêntica fé que salva.

Pascal é consciente, como indica Hans Küng, de que na questão da existência de Deus,

não se requer tanto um juízo da razão pura, como uma decisão do homem inteiro, decisão que não está testada pela razão, mas que pode justificar-se perante ela. Um risco calculado: para esta decisão fundamental o homem emprega ao menos tanto cuidado como para suas decisões na mesa de jogo ou na vida em geral<sup>23</sup>.

De algum modo se leva o jansenismo a suas últimas consequências ao estender a ideia da esperança na salvação à existência mesma da divindade. A certeza que se pode alcançar não é uma certeza teórica, mas uma certeza prática, certeza do coração, que se alcança através de uma opção arriscada, de um salto do vazio do imanente ao transcendente e desconhecido. Para isso se exige um desejo de conversão.

Sem dúvida, não se concedeu a devida importância à aposta de Pascal na história da filosofia, como reconhece Lucien Goldmann<sup>24</sup>. No entanto, nela existem duas ideias de especial interesse: é preciso apostar, ideia fundamental do pensamento dialético; é preciso apostar sobre a existência de Deus e a imortalidade da alma: concepção característica da visão trágica do mundo. Assim, tentando chegar numa síntese sobre o tema da *aposta*, recorreremos mais uma vez ao pensamento de Pondé que, no seu “*Do pensamento no deserto*”, sustenta a hipótese de que o *racionalismo* da aposta é a confissão de Pascal da infelicidade da razão:

A questão da aposta não é da natureza de uma razão pura, mas sim um argumento para a razão prática: não se trata de discutir e provar matematicamente a existência de Deus, mas sim argumentar que ainda que seja *mais vantajoso* para o descrente apostar na existência de Deus ele não consegue fazê-lo porque a crença é fruto da graça e não da razão. Se Deus não existir a perda é menor para ele do que se Ele existir e ele (o apostador) não tiver apostado nisso. E mais, como vimos, a probabilidade quando uma das variáveis é o infinito é tão infinitamente grande que mesmo se ele se recusar a apostar, a *presença* de Deus já lhe será imposta. Mesmo do ponto de vista de uma razão prática *interessante* seria um bom negócio *apostar*, mas mesmo assim ele (o apostador) está de mãos amarradas e de boca muda<sup>25</sup>.

Este é, pois, brevemente visto, o argumento da aposta. Dirige-se, ao que parece, a um descrente, para fazê-lo sair de sua indiferença e que ponha, de sua parte, o quanto possa, para receber o dom da fé. Trata-se de persuadir-lhe não tanto de que Deus existe, quanto de que Deus é sua necessidade absoluta e

<sup>23</sup> KUNG, H. *Existe Dios? Respuesta al problema de Dios en nuestro tiempo*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 100.

<sup>24</sup> GOLDMANN, L. *Le Dieu caché*. Paris: Gallimard, 1959, p. 293.

<sup>25</sup> PONDÉ, L. F. *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 66 [grifo do autor].

que a fé é um elemento com o qual há que contar necessariamente na vida para que a mesma tenha sentido.

Considerado em seu conjunto, todo o fragmento Laf. 418; Br. 233 pode ser visto como um anúncio do caminho que deverá percorrer o interlocutor de Pascal. Em primeiro lugar, ele deve aceitar a insuficiência dessa razão discursiva, na qual ele, até agora, tanto confiou para alcançar a Deus por si mesmo: “[...] o único resultado que obtém a razão neste texto [da aposta] é de se reconhecer ridícula e de fazer-se retirar”<sup>26</sup>. Depois, terá que se dar conta de que a religião cristã está além de seus pobres limites racionais sem, no entanto, se caracterizar como algo irracional. E o que a religião lhe mostrará não é a existência do Absoluto, mas sim a presença de um Deus pessoal que se deu a conhecer historicamente em seu Filho, Jesus Cristo, que veio para salvar os homens do pecado e da morte eterna. Como se trata de um mistério – algo que ultrapassa qualquer evidência alcançável apenas pelas luzes naturais – não se deve só saber, mas sim crer.

Porém, crer em Deus significa decidir-se por Ele, apostar – arriscar – toda essa vida por Ele. E já que no *pari* se deve pôr em jogo *tudo*, também se deverá apostar com o corpo: terá que harmonizar as próprias tendências, ou seja, dominar todos os apetites e desejos, para que se dirijam para Deus. Diante da eternidade, torna-se irrelevante apostar uma semana ou cem anos: são apenas nossas paixões que nos fazem sentir a diferença. Evidentemente, consegui-lo supõe um exercício contínuo da vontade, uma reiterada repetição de atos. Não que isso seja suficiente para crer, mas pelo menos assim se abrem as portas do coração para receber o dom da fé: luz e força de Deus, que permitirão dizer não mais *scio*, e sim *credo*.

## Conclusão

Podemos dizer que, em Pascal, cruzam-se duas histórias: a do racionalismo e a do jansenismo, a ciência e a apologética. Vimos que a consciência trágica fez de Pascal um filósofo e teólogo do paradoxo: ele afirma que a verdade é sempre a reunião dos contrários e que o homem é um ser paradoxal, ao mesmo tempo grande e pequeno, fraco e forte. Grande e forte porque nunca abandona a exigência de uma verdade e de um bem puros, sem mistura com o falso e com o mal. Pequeno e fraco porque jamais pode chegar a um conhecimento ou produzir uma ação que alcance plenamente esses valores. O pensamento de Pascal é trágico justamente porque assume esse “tudo ou nada”, que proíbe o abandono da busca dos valores e, no entanto, proíbe qualquer ilusão quanto aos resultados alcançados pelo esforço humano.

<sup>26</sup> THIROUIN, L. *Le hasard et les règles: le modele du jeu dans la pensée de Pascal*. Paris: Vrin, 1991, p. 173 [trad. Luiz Felipe Pondé].

O Pascal dos “*Pensamentos*”, assim como os jansenistas trágicos do seu tempo, acredita que a incerteza recobre tudo e que a vida cristã é um misto de esperança e tremor. Deus se esconde irremediavelmente e não há Graça que o torne manifesto ao homem. Deus tendo abandonado o mundo e a Igreja, o homem só pode ser um miserável pecador. No terceiro período de sua vida, Pascal vive assim o paradoxo de ter de se submeter ao poder monárquico e eclesiástico, e de dedicar-se aos trabalhos científicos, ao mesmo tempo em que admite a incerteza radical de tudo. Assume então o paradoxo jansenista do “pecador justo”, do homem que vive simultaneamente na recusa e na aceitação do mundo. Desse modo é que se deve compreender o argumento da aposta: já que não se pode provar nem que Deus existe nem que Deus não existe, já que não se pode provar que haverá ou não salvação eterna – só se pode apostar.

Enfim, podemos dizer que, para o filósofo e teólogo Pascal, o homem é uma incoerência e essa incoerência é trágica, porque não se oferece ao próprio homem como um quadro que ele pode contemplar com indiferença: ao contrário, diz respeito ao que ele tem de mais íntimo e profundo. A incoerência do homem retira de sua moral e de sua ciência todo apoio e toda segurança, deixando-o desesperado e descentrado. O homem é essa glória e escória do universo, que não sabe de onde veio e nem para onde irá. Em si mesmo o homem encontra seu próprio eu miserável e cujo sentido só poderá ser encontrado referindo-o ao seu destino sobrenatural revelado pelo cristianismo: sua grandeza vem de sua origem divina, sua esperança de salvação é sustentada pela redenção de Jesus Cristo, sem a qual o conhecimento de Deus seria inútil para o homem.

## Referências

- CARRAUD, V. *Pascal et la philosophie*. 2ª ed. Paris: PUF, 2007.
- GOLDMANN, L. *Le Dieu caché*. Paris: Gallimard, 1959.
- GOUHIER, H. *Blaise Pascal: Commentaires*. 12ª ed. Paris: Vrin, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. Trad. Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus/Discurso, 2006.
- KUNG, H. *Existe Dios? Respuesta al problema de Dios en nuestro tiempo*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1979.
- LEBRUN, G. *Blaise Pascal: voltas, desvios e reviravoltas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LEOCATA, F. *Pascal y la crisis de la razón*. Buenos Aires: Revista Sapientia (UCA), n. 55, 2000.
- LE GUERN, M. *Les pensées de Pascal. De l'antropologie a la théologie*. Paris: Larrousse, 1972.
- MESNARD, J. *Les pensées de Pascal*. Paris: Ed. Sedes, 1993.
- MICHON, H. *L'ordre du coeur: philosophie, théologie et mystique dans les Pensées de Pascal*. Paris: Editions Champion, 1996.
- PASCAL, B. *Oeuvres complètes*. Edição estabelecida, apresentada e anotada por Michel Le Guern. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Pensamentos*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PONDÉ, L. F. *Conhecimento na desgraça: ensaio sobre epistemologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O Homem insuficiente*. São Paulo: Edusp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- SELLIER, Ph. *Pascal et Saint Augustin*. Paris: Armand Colin, 1970.
- THIROUIN, L. *Le hasard et les règles: le modele du jeu dans la pensée de Pascal*. Paris: Vrin, 1991.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.2	Dezembro 2015	p.114-127
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	-----------

Recebido em: 29/09/2014

Aprovado para publicação em: 22/02/2015